



**SUBTERRÂNEOS DO AUTORITARISMO: DE  
GRACILIANO RAMOS A NELSON PEREIRA DOS  
SANTOS – UMA PROPOSTA DE ESTUDO DE TÂNIA  
NUNES DAVI**

**Talitta Tatiane Martins Freitas\***  
Universidade Federal de Uberlândia – UFU  
[talittatmf@gmail.com](mailto:talittatmf@gmail.com)

**Liberdade completa ninguém  
desfruta: começamos oprimidos  
pela sintaxe e acabamos às voltas  
com a Delegacia de Ordem Política  
e Social, mas, nos estreitos limites a  
que nos coagem a gramática e a lei,  
ainda nos podemos mexer.**

Graciliano Ramos  
**Memórias do cárcere**

O livro **Subterrâneos do autoritarismo**: em Memórias do Cárcere de Graciliano Ramos e Nelson Pereira dos Santos<sup>1</sup> é um bom exemplo do enriquecedor diálogo que pode ocorrer entre História, Literatura e Cinema. Fruto de mais de nove anos de pesquisa da historiadora Tânia Nunes Davi, nele, o leitor tem a oportunidade adentrar os porões dos regimes ditatoriais da nossa história recente, por meio dos testemunhos singulares de Graciliano Ramos e Nelson Pereira dos Santos. Como o próprio título nos indica, a autora optou por trabalhar com duas obras de natureza e temporalidades diferentes: o livro de Graciliano **Memórias do cárcere**, de 1953 e o filme homônimo de Nelson Pereira, lançado em 1984.

\* Graduada em História pela Universidade Federal de Uberlândia – MG. Na mesma instituição desenvolve pesquisa de Mestrado. É bolsista Capes.

<sup>1</sup> DAVI, Tânia Nunes. **Subterrâneos do Autoritarismo**: em Memórias do Cárcere de Graciliano Ramos e Nelson Pereira dos Santos. Uberlândia: EDUFU, 2007. Doravante as citações dessa obra serão indicadas somente com o número da página.

Nessa proposta, os conceitos “adaptação” e “apropriação” se mostraram primordiais, visto que o objetivo da autora consistiu em “[...] tecer considerações sobre a leitura representativa que o cineasta fez do livro, numa transposição cinematográfica” (p. 14). Segundo Tânia Nunes, a adaptação fílmica, ou seja, “[...] a transposição da palavra escrita para a imagem” (p. 13), nunca ocorre com uma “fidelidade absoluta”. Tanto o artista como o público possuem “espelhos próprios”, filtros socioculturais que direcionam interpretações particularizadas por contextos históricos diferenciados.

Por essa lógica, o fio condutor que perpassa toda a obra diz respeito ao modo como o cineasta Nelson Pereira trabalha com as representações dos anos de 1930-40 (presentes no livro de Graciliano), utilizando-as para falar sobre um outro momento histórico: a Ditadura Militar pós-1964. A relação entre o período de Vargas com o dos Militares é feita a partir das representações hegemônicas e socialmente aceitas em ambos os casos, que engendram um efetivo sistema de dominação e perpassa os mecanismos de legitimação de cada um dos governos junto à população. (Cf. p. 75-76)

Em **Capítulos e seqüências: vida e obra de Graciliano Ramos e Nelson Pereira dos Santos**, Tânia apresenta-nos seus sujeitos/objetos de estudo. Mais do que uma mera exposição biográfica, este **Capítulo I** exerce uma função de suma importância: ele localiza e revela aspectos, muitas vezes, desconhecidos pelos leitores, mas estes, uma vez vislumbrados, dão um matiz diferenciado para a apreciação das obras, seja a literária, seja a cinematográfica.

Sob esse prisma, vale ressaltar que **Memórias do cárcere** é um livro póstumo, fruto das vivências de Graciliano Ramos durante o período em que esteve preso, pela polícia política de Vargas. Apesar da abundância de elementos – Graciliano, na medida do possível, fazia anotações sobre o que via e sentia –, levou cerca de dez anos para poder escrever sobre os seus dez meses de prisão, uma vez que, segundo ele, era necessário “ressuscitar após a morte no cárcere”. De acordo com Tânia Nunes, esse longo tempo que levou para escrever é fruto tanto da densidade de experiências, como de uma demasiada exigência consigo próprio, marca indelével dos trabalhos desse autor.

[...] ele se lançava a um **trabalho incessante, de paciência, de persistência e de busca da perfeição**. Essa metodologia de escrita foi uma das causas da “lentidão” da produção do autor que, escrevendo a mão cada um dos seus livros, achava **indispensável recopiar tudo, suprimir as repetições excessivas**. [...] Sua relação com seus textos era de **extremo rigor. Rigor observado nas diversas fases de escritura-leitura-reescritura do texto num diálogo incessante com sua obra em gestação**. (p. 31)

**Memórias** não foge a essa lógica, mesmo considerando-se o fato de que sua publicação se deu após a morte de Graciliano, o que impossibilitou uma última revisão. Sua escrita é seca, concisa e irônica, com personagens densos e ficcionalizados, seguindo o princípio de só “expor a coisa observada e sentida”. (p. 31) Nesse caso, há uma particularidade que diferencia esta obra de todas as demais: a personagem central é o próprio autor, o que confere à narrativa um **status** de verdade. Desse ponto de vista, Graciliano Ramos foge ao Realismo Científico e impessoal próprio dos escritores das primeiras décadas do século XX, visto que:

Se nessa geração de escritores, anteriores a Ramos, a noção de objetividade pressupunha uma postura de imparcialidade e neutralidade, ele com suas **Memórias** produziu uma obra que expressou com clareza e exatidão a realidade sob o ponto de vista de um prisioneiro, acusando e denunciando as condições de vida nas prisões varguistas. (p. 29)

Assim, Tânia Nunes estabelece um diálogo entre o escritor e o seu contexto, mostrando de que forma as diferentes correntes estéticas influenciaram ou não a escrita de **Memórias**. Da mesma forma, esse exercício é vislumbrado com os trabalhos de Nelson Pereira dos Santos, o que se mostra essencial para a compreensão de suas escolhas na elaboração do filme **Memórias do cárcere**. É sob esse prisma que a autora realiza um sobrevôo sobre a história do cinema brasileiro, apresentando-nos uma arte que ganha estrutura e profissionalismo principalmente com a criação dos estúdios Vera Cruz.

Apesar dos avanços, Nelson Pereira se mostra questionador destas produções, pois, segundo ele, tratava-se de tecnologias e estéticas importadas, insociáveis com a sua visão de cinema militante e representativo do povo brasileiro. (Cf. p. 54) Podemos afirmar, que esta é justamente uma das tônicas constantes de seus trabalhos, “[...] a busca por novas formas estéticas de expressão que lhe possibilitassem representar a realidade brasileira”, (p. 73) e, nesse sentido, o livro de Graciliano ia ao encontro de seus ideais.

Nelson postula que mesmo respeitando a estrutura narrativa na adaptação de romances para a tela, isso não quer dizer que adaptar seja “uma cadeia, [na verdade] é uma referência que faz chegar a grandes descobertas, pois transformar o livro em filme significa recriar, em outra forma de expressão, o universo do autor”. (p. 65)

Essa relação entre obra literária e sua re-leitura permeará os dois próximos capítulos de **Subterrâneos do autoritarismo**. Se outrora as análises foram feitas de forma separadas, a fim de dar subsídios aos leitores para que estes mergulhem no universo particular de cada autor, agora as estruturas críticas se tornam complexas, visto que a autora busca relacionar constantemente seus objetos de estudo, criando uma teia de significados.

Com esse objetivo, Tânia resgata algumas construções presentes nos trabalhos de Graciliano e Nelson Pereira, registrando-as no tópico **Do livro ao filme: representações de um Brasil-prisão**. Nesse **segundo capítulo**, abrem-se espaços para vislumbrar as representações que o autor literário construiu em sua obra, analisando, ao mesmo tempo, as soluções cinematográficas que Nelson utilizou para adaptá-la.

Dessa forma, observa-se a heterogeneidade de categorias sociais apresentadas por Graciliano Ramos, fruto de um trabalho perspicaz de observação dos diferentes sujeitos que, tal como ele, estavam presos durante o período varguista. Em seu livro, ele os distingue em dois “tipos”: os políticos e os comuns. Essa primeira “categoria” englobava os comunistas e simpatizantes do movimento, militares revoltosos, os intelectuais, os operários sindicalizados e as mulheres. Por outro lado, havia os ladrões, malandros, desempregados, assassinos e homossexuais que compunham os presos comuns.

Segundo Tânia Nunes, diversas foram as situações em que Graciliano necessitou da ajuda dos seus companheiros para manter seguros os seus manuscritos, visto que não é difícil imaginar o quanto incomodava aos superiores ter alguém registrando as atrocidades cometidas nas prisões, denunciando-as para o mundo. Para esses presos, “[...] aparecer na obra de Ramos era uma forma de manterem-se vivos, perpetuados na memória da sociedade por meio de uma obra literária”. (p. 123)

A fim de retratar esse tipo de vivência, Nelson Pereira construiu uma cena na qual “[...] os presos da Colônia salvam os manuscritos de Graciliano Ramos, passando-os de mão em mão e escondendo-os dentro de suas roupas a fim de não permitir seu confisco pelo Anspeçada Aguiar”. (p. 123-124) Entretanto outras passagens do livro não puderam ser tão explicitamente adaptadas, uma vez que ainda pairava o fantasma da censura e da prisão. Como não podia dizer diretamente sobre a violência dos militares, Nelson preferiu cenas cheias de não-ditos e de não-mostrados, aguçando a imaginação dos espectadores. Assim, de acordo com Tânia:

Ao invés de mostrar de forma direta as cenas em que se exercem torturas, Nelson optou por tomadas nas quais se entrevem um preso enfaixado ou ferido, outros extremamente magros e doentes. [...] Nelson mostra esses presos em breves cenas em que a câmera acompanha o olhar de Graciliano pelos arredores do pátio, vislumbrando as tristes figuras de indivíduos magros, combalidos, desgastados pelos maus tratos. (p. 87-88)

Esse processo de produção cinematográfico é aprofundado pela autora no **terceiro capítulo**, intitulado **Produção e Recepção de Memórias do Cárcere – o filme**. Nele, são abordados aspectos inerentes à obra de Nelson Pereira, como, por exemplo, as diferentes leituras tecidas acerca do seu lançamento. Segundo Tânia Nunes, a recepção em 1984 encaminhou por duas vertentes: se por um lado houve aqueles que se identificaram com o sofrimento de Graciliano (estudantes, professores, militantes, etc.), por outro, havia aqueles que viram o filme como um aviso das conseqüências da rebeldia. Para estes, era melhor cobrir o passado com o “véu de silêncio e esquecimento”, exaltando-se somente os pontos positivos, como o desenvolvimento econômico e a estabilidade do capitalismo. (Cf. p. 148)

Por não explicitar o momento histórico da trama, Nelson Pereira deixou livre para que as ligações com determinados contextos sejam feitas pelos próprios expectadores. Assim, as leituras realizadas sobre o filme **Memórias do cárcere** se diferenciam dependendo da formação, do momento histórico, das ideologias e visões de mundo. Sobre esse viés,

É oportuno enfatizarmos que [...] não existe **fidelidade absoluta** em nenhuma adaptação, pois quem adapta faz uma leitura crítica do original, traduzindo ou (re) criando essa obra num contexto histórico diferenciado da sua produção inicial. (p. 161)

Ao retratar o processo de adaptação e produção, a autora apresenta aos seus leitores aspectos interessantes que dizem respeito ao contexto e ao modo como as filmagens se deram. Muitos desses elementos são desconhecidos ao leigo espectador, o que lhes dá oportunidade de conhecer as escolhas de iluminação, sonoplastia, posicionamento das câmeras, cortes e enquadramentos, dentre tantos outros. Enfim, esta é uma oportunidade única de conhecer os bastidores de uma obra tão importante para a história do cinema brasileiro.

**Subterrâneos do autoritarismo** é, sem sombra de dúvida, um convite prazeroso aos interessados pela história recente do nosso país, aos apaixonados pela literatura e pelo cinema, e, acima de tudo, pelo rico diálogo que pode ser feito entre

essas duas formas estéticas. Tânia Nunes Davi nos presenteia com uma análise metodológica apurada, por meio de uma escrita leve e sedutora, que nos conduz pelas obras de Graciliano Ramos e Nelson Pereira dos Santos, aguçando a nossa vontade de ver/assistir **Memórias do cárcere**.



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)